

# CPI viu tudo: índios estão ameaçados de extinção

Rubem Azevedo Lima  
(Da Sursal de Brasília)

A invasão das terras indígenas por grupos estrangeiros e por governos estaduais, as doenças — como a lepra, a malária, o mal de Chagas, a tuberculose e o penfigo — a descaracterização cultural e o assassinio continuam a extinguir, progressivamente, os índios brasileiros na região entre os rios Tocantins e Mearim. Os poucos que resistem às enfermidades e à cobiça dos civilizados estão sendo reduzidos à condição de farrapos humanos e são alvo de chacotas nas ruas de Imperatriz, Barra do Corda, São Félix e Miracema do Norte.

Este foi o quadro que a CPI da Câmara dos Deputados: para investigar a situação atual dos nossos índios, encontrou ao longo de mais de mil quilômetros de território brasileiro, de Tocantins (em Goiás) à Barra do Corda (no Maranhão) e Maranhão (no Pará).

E após visitarem as aldeias dos xerentes, apinajés, gaviões, xicrins, canelas, guajajaras, craós e Timbiras, os deputados da CPI — srs. Marcos Kertzman (relator das Investigações Parlamentares), Bias Fortes e Feliciano Figueiredo — verificaram que a substituição do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) não trouxe qualquer resultado positivo para os indígenas do Médio Tocantins. Desde que se criou a FUNAI, nenhum médico visitou as aldeias e os índios continuaram sem medicamentos.

A CPI ouviu chefes de tribos, missionários, dirigentes de postos indígenas e várias autoridades municipais, em Tocantins, Tocantinópolis, Imperatriz, Barra do Corda, Carolina, Marabá, São Félix e Miracema do Norte.

se sentem, apesar de tudo, senhores da terra em que vivem e não concordam com a transferência para outro local".

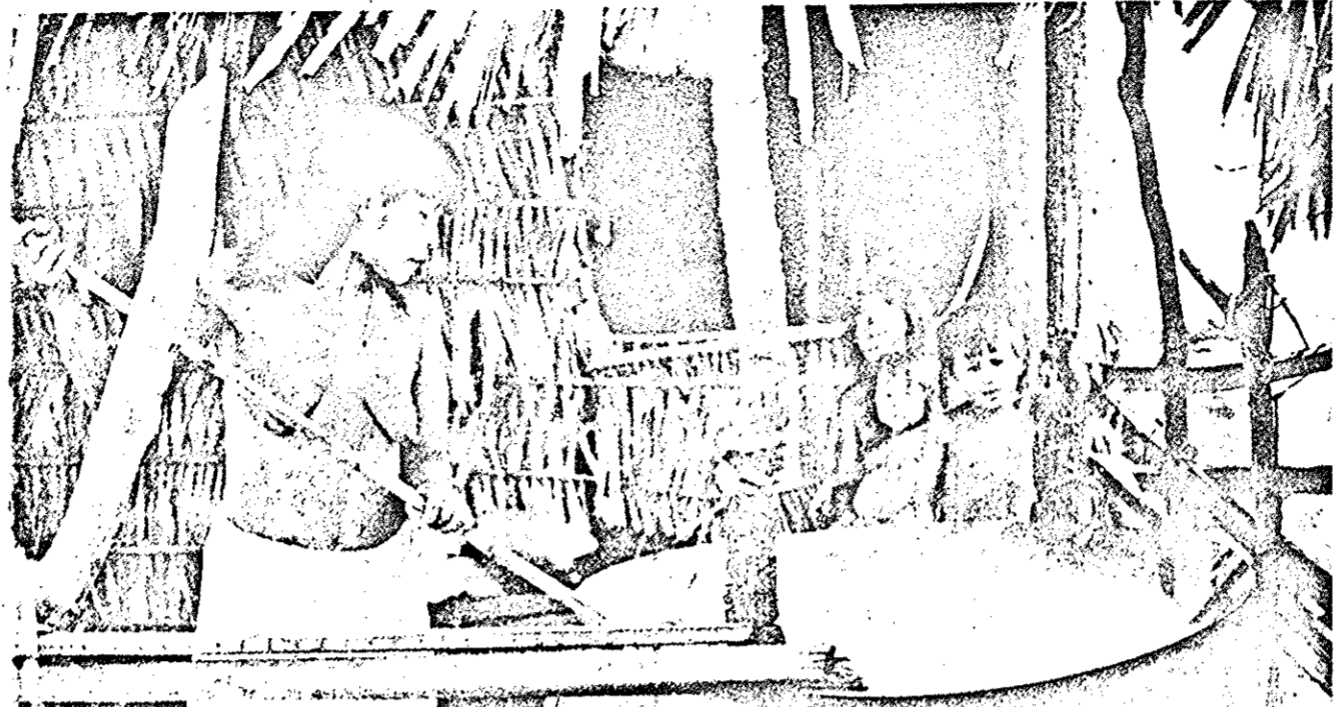
E junta: "O índice cultural e moral dos servidores da FUNAI mandados ao posto é baixíssimo. Como não há assistência médica, as doenças são diagnosticadas por mero palpite e os remédios prescritos são os disponíveis no momento."

Em sua opinião, ao lado desses problemas, há outras dificuldades, como a destruição pelos homens brancos do sistema social tribal: "Antigamente os índios tinham sua própria organização e seus costumes. Os meninos índios orgulhavam-se da castidade (o "aram"). Ao completarem quinze anos, eram preparados pelos mais velhos para os papéis que desempenhariam como adultos. A tribo dividia-se em duas federações, cada qual com quatro clãs. Os jovens de um clã só se casavam com os jovens do outro clã. Com a extinção dos índios, pelas molestias, os casamentos indígenas foram-se escazesando, ao longo dos últimos anos. A civilização não trouxe nenhum novo sistema suplementar para assegurar a sobrevivência da tribo. Em consequência, a prostituição entre os xerentes aumentou, provocada, em inúmeros casos, pelo próprio civilizado. As "dás" (mulheres separadas de seus maridos) examinam nas aldeias."

Quanto à possibilidade de transferência dos xerentes para a proximidade dos postos craós, afirma o pastor Krieger que "isso talvez não desse bons resultados." E conta o seguinte episódio: "A esposa do xerente é escolhida pelo tio materno do índio. Há tempos, pretendeu-se casar um jovem xerente com uma craó. O chefe da tribo, Kiltmow, manifestou-se contrário ao casamento, porque — disse — os costumes craós são diferentes e podem apressar a decadência xerente."

Na aldeia, Kiltmow, cujo nome cristão é Isidoro Índio da Silva, queixou-se à CPI do abandono a que os xerentes são relegados pela FUNAI. Disse mais ou menos isto: "Não queremos ficar confinados num lugar diferente daquele em que nascemos. Os brancos desejam nossas terras e pretendem expulsar-nos daqui. Há dois anos, nada recebemos do governo. Inúmeros índios estão tuberculosos e com lepra. Não temos o que comer, pois os brancos liquidaram nossas caças."

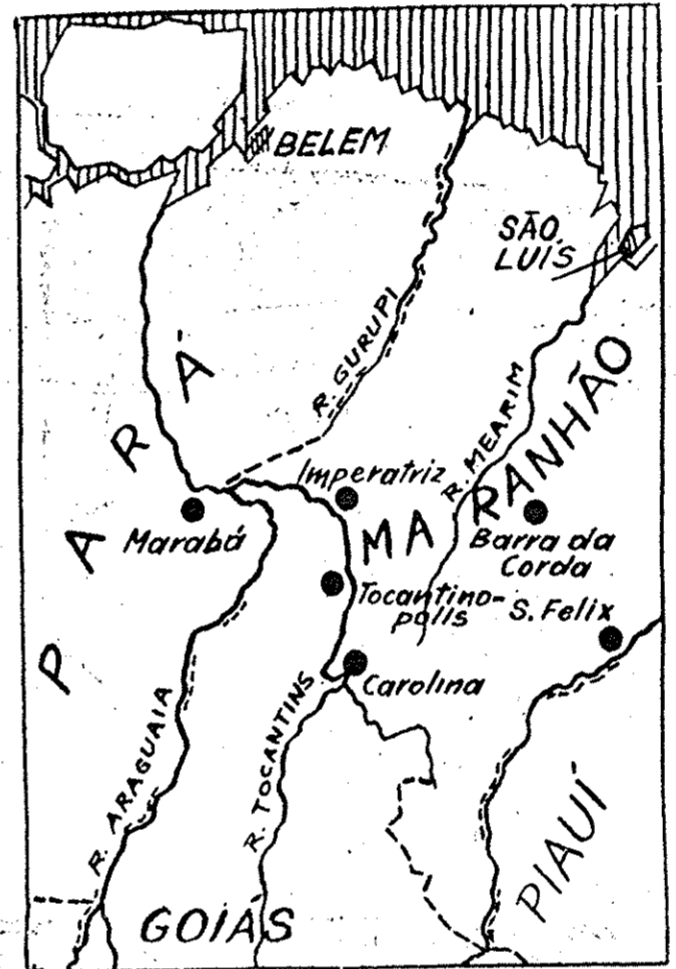
Os xerentes percorrem as ruas de Tocantins e Miracema do Norte em roupas andrajosas. A aldeia do Posto Tocantins é constituída de oitenta índios, que vivem exclusivamente do que cultivam. A missão batista local organizou uma cartilha xerente e alfabetizou os índios moços.



São das mais precárias as condições em que vivem as famílias índias. A cruz ao pescoço é uma esperança.



Jovem, bela e saudável, a indiazinha Caiapó é uma das poucas que ainda não foram contaminadas pelos brancos.



Na região entre os rios Tocantins e Mearim, vivem 4.670 índios. Estão desaparecendo. Antes eles eram 6.133.

O posto dos xerentes, trinta quilômetros ao Norte de Tocantins (em Goiás), que contava em 1953 com mais de mil índios, está reduzido a uma população inferior a quatrocentas pessoas, entre servidores da FUNAI e indígenas, espalhados em doze aldeamentos.

Monsenhor Pedro Piagem, vigário de Tocantins, descreveu para a CPI o seguinte quadro:

"Os xerentes estão abandonados. O acesso às suas aldeias se faz por barco, depois de uma hora de viagem através do Tocantins. Falta-lhes assistência médica, não há alimentos. A FUNAI nunca apareceu por ali. As terras indígenas não estão demarcadas. Como os índios cultivam em roças abertas, o gado dos fazendeiros vizinhos invade-lhes as plantações. Em represália, os xerentes matam todo gado que encontram. Em consequência, nos últimos dois anos, mais de vinte mil cabeças de gado foram retiradas do município."

Monsenhor Piagem diz que índios leproso de vez em quando aparecem em Tocantins, bebados e andrajosos. Atribui os ataques indígenas contra a propriedade alheia à situação de extrema dificuldade em que se encontram os xerentes. "Na região que ocupam não há mais caça nem pesca", afirma.

A seu ver, a solução seria transferir os xerentes para as proximidades do posto dos índios craós, onde há terra propícia à caça e à pesca. Há tempos — revela — os índios assassinaram o fazendeiro Pedro Lobo, que atravessara o gado pelas terras dos xerentes.

Monsenhor Piagem, que é criador de gado e vizinho dos índios, desculpa os ataques dos xerentes: "Afinal, eles não têm o que comer". Mas não esconde suas suspeitas: "As incursões dos xerentes parece que contam com a cumplicidade de servidores do posto da FUNAI na localidade. Agora, o secretário de Segurança de Goiás, cel. Pitanga Maia, deu ordens rigorosas para a repressão aos delitos praticados pelos xerentes."

O chefe do posto xerente, sr. Tenison Noletto, confirmou à CPI que a FUNAI "ainda não deu sinal de vida". O antigo chefe, sr. Marçal Gomes da Silva, abandonou o posto porque "não pagaram os vencimentos".

O pastor Batista Gunter Krieger, brasileiro de Santa Catarina, está entre os xerentes desde 1958. Acha que os índios foram reduzidos à condição parasitária "pela má política indigenista; mas

contar com o apoio do maior número é considerado eleito.

O deputado Marcos Kertzman perguntou ao chefe atual da tribo — o capitão Laranjinha — se há coação contra os eleitores que não votaram no vencedor. "Não há não. No final nos festejamos juntos, com danças e cantos" respondeu o índio.

Há uma cooperativa na aldeia Apinajé, criada pelo chefe do posto da FUNAI, onde os índios compram as mercadorias de que necessitam.

Entre os que invadiram as terras de índios é citado um tal de Antonio Bandeira. O juiz de Tocantinópolis mandou-o retirar-se, mas o invasor continua nas terras Apinajés, explorando o babaçu.

Não há mais missionários trabalhando na região. Há tempos, contudo, um grupo de estudantes e professores do Summer Institute of Linguistics estudou o idioma Apinajé, elaborando cartilha para os índios e recolhendo as principais lendas indígenas.

Interpelado pelo deputado Bias Fortes, o capitão dos Apinajés queixou-se dos invasores de suas terras: "Tem também um tal de Altino da Conceição que está esticando arames para nossa aldeia. Eu não fiquei satisfeito com esse serviço, porque meu povo tem uns que andam errados, como os brancos. Eu não quero brigar sobre terras. Quero ficar satisfeito com meu povo e com meus amigos civilizados. Mas não posso largar esse lugar, que Deus nos entregou, entre os rios Tocantins e Araguaia e o Igarapé Mosquito."

O chefe do posto indígena esclareceu que, até agora, os brancos não têm importância para as mulheres índias. E mais: "Os Apinajés não trabalham para os brancos. Aliás, os salários de Tocantinópolis não são justos, nem para os civilizados nem para os índios."

O chefe do posto indígena explicou que a aldeia está sendo cortada por máquinas pesadas; os trabalhadores da estrada descansam nas próprias malocas dos gaviões.

"Há abusos dos trabalhadores contra as índias?" — perguntaram ao sr. Misael de Albuquerque.

"Não há abusos, mas há violência contra as índias, como a violência contra os índios, já vi. Eu já trabalhei com várias tribos, como os corotines, cajabís, etc. O perigo é a contaminação pelas doenças dos brancos."

Um explorador de castanhas na região, sr. Marinho Vicente, denunciou à CPI que a FUNAI explora os índios e os que arrendaram os castanhais indígenas, ainda não demarcados.

"O major Rubem Rodrigues, da FUNAI, não pagou toda a castanha que nós e os índios colhemos. Quando foi reclamar, mostrou as estrelas de sua farda e disse que nos pagaria depois. Mas, até hoje nada. Para trabalhar e índio, a única estrela que vale é dinheiro e comida."

Segundo afirmou, os índios são excelentes trabalhadores, pois, em igualdade de condições com os brancos, colhem o dobro de castanhas, embora para a produção de 20 mil cruzeiros novos tivessem recebido apenas 600 cruzeiros.

Ninguém sabe explicar o paradoxo que teve a receita da venda da castanha aos exportadores de Belém, Rio e São Paulo.

O chefe dos gaviões — o índio Kokrenun — queixou-se da falta de medicamentos para o seu povo: "Nossos irmãos das montanhas (gaviões) ainda não civilizados) a quem tenho tentado trazer para nosso convívio, negam-se a vir para a aldeia porque sabem que aqui não terão nada". E juntou: "Enquanto somos bravos, todos nos respeitam. Quando aprendemos os hábitos dos brancos, acabamos escravos, sem terras, e vítimas do catarro (gripe)".

Há pouco tempo, apareceu entre os gaviões civilizados uma velha índia de tribo desconhecida, em companhia de uma menina de oito anos aproximadamente. Ninguém entendeu seu idioma, inclusive os intérpretes da FUNAI.

Kokrenun explicou: "A índia tinha o aspecto de quem caminhará por muito tempo. Com dois dias em nossa aldeia, antes da abertura da estrada, morreu. Sua acompanhante foi levada para o sul e não sabemos mais nada da aldeia."

A menina, segundo o chefe do posto, está sendo tratada pelos médicos em Goiânia, pois estava desidratada e era maléfica.

Os gaviões elegem seus "capitães" da mesma forma que os apinajés: eleição direta e a descoberto.

Os homens preparam os meninos para as dificuldades da floresta através de

pequenos brinquedos, como o "jogo da castanha". E assim: em dias determinados, fazem as crianças lançar-se à selva em busca de castanhas (alimento básico da tribo); terão de voltar à aldeia trazendo as castanhas para suas mães, mas, para dificultar isso, os índios adultos ficam escondidos nas montanhas e árvores, a fim de surpreender os indolentes no caminho de volta; os que driblarem a vigilância em menos tempo são considerados vencedores.

**Guajajaras**

Os guajajaras — cerca de 200 índios — vivem numa aldeia a 50 quilômetros da cidade maranhense de Barra do Corda.

O encarregado do posto indígena, sr. José Pompeu, queixou-se de que a FUNAI não dá qualquer assistência aos índios, do tronco Tupi. "Desde que assumi, não veio até cá nenhum médico da FUNAI", disse.

Perto dos Guajajaras vivem também, até recentemente, os índios canelas. A região dos aldeamentos é acidentada e os canelas alegaram que não podiam viver em mata fechada e por isso se transferiram para um ponto distante 80 quilômetros do local.

Os guajajaras cultivam algum milho e mandioca. O gado posto à disposição deles foi vendido, mas nenhum centavo reverteu em favor da tribo.

O "capitão" dos Guajajaras, eleito também diretamente, perdeu toda a liderança sobre seus companheiros, da mesma forma que os funcionários do posto, em virtude — alega-se — da existência, na localidade, de elementos estrangeiros que se dedicam à colheita de material para trabalhos linguísticos, como é o caso do canadense Jeff Poppe. Apesar de não terem outro propósito além do da pesquisa científica, para perder a amizade dos índios os estrangeiros chegam à região com recursos superiores aos aplicados ali pela própria FUNAI. Assim, os índios se valem da assistência médica e social que lhes oferecem americanos, alemães e canadenses.

Recentemente, essa situação levou os canelós a atacarem os cortadores de madeira. O trabalhador Geraldo Machado recebeu uma flechada no abdome. Sobre tais incursões, o ex-servidor da FUNAI, sr. Teófilo Martins, afirmou à CPI:

"Na mata, antes de serem civilizados, os índios vivem bem. Depois, no entanto, desaperdem como ganhar a vida às próprias custas, e ficam na situação de dependência do homem branco."

Tal opinião, aliás, é confirmada no depoimento do "capitão" dos canelós: "Quando os brancos nos respeitavam, nós obtínhamos nossos remédios no mato. Fomos trazidos para a civilização e os remédios nos deram os remédios de vidro. Nós não sabemos mais o que é bom para nós, na floresta."

O delegado da Inspeção Indígena no Estado do Pará sr. José Maia, disse à CPI que considera dramática a situação do índio brasileiro, "ameaçado de extinção, principalmente devido à falta de recursos da FUNAI". E mais: "Na estrada Maranhão-Belem-Brasília os índios estão acossados pela FUNAI (sigla de uma companhia que opera na região) de gados. Por outro lado, há duas alternativas: ou os índios aceitam submeter-se ou terão de partir para qualquer outra solução."

Admitiu, em seguida, que "a política de pacificação dos índios tem sido um processo cruel e genocídio. Nós, da FUNAI, não temos meios nem condições para pacificar os índios."

A seu ver, "o contato dos índios com os civilizados, de forma não controlada pelos técnicos da FUNAI, não é aconselhável".

Ao lhe serem exibidas fotografias de trabalhadores de estradas na taba de índios gaviões, disse que "ignorava a irregularidade". E juntou: "Isso é péssimo para os índios."

Informou que os índios do Posto Nilo Peçanha, revoltados com os maus-tratos e os logros que sofreram dos compradores de castanhas, atacaram as instalações da FUNAI e destruíram a estação de rádio ali existente. Quanto à ação de compradores de peles de maracajá nas terras dos xicrins, explicou que a Polícia Federal está investigando o problema.

Adiante, advertiu a CPI: "Se a FUNAI não tiver reforço substancial de recursos, nossos índios desaparecerão dentro de dez anos."

Ao final, revelou a seguinte estatística sobre as tribos existentes no Pará: Gaviões — eram 20, em 1955, e passaram a 21, em 1968; Açaráis — de 38 para 37, no mesmo período; Paracanáis — de 500 para 350; Gaviões (Posto Mãe Maria) — de 28 para 23; Urubús — de 545 para 576; Guámas — de 143 para 148; Caiapós — de 173 para 121 no Posto Kokrenun; de 300, para 308 no Posto Nilo Peçanha e de 220 para 387 no Posto Goritres; Xicrins (do Tapajós) — de 60 para 90; Mekrontú — de 600 para 300; Mundurucás — de 2.000 para 1.200; Kalabí — de 200 para 53; Garibás, Emerenchos e Caripins — de 1.281 para 1.051; Caiapós do Kararaó — de 9 para 3.

Assim, tais índios, cujo número montava a 6.133 no Pará, são hoje 4.670. Em todo o País, calculava-se que existiam, em 1965, 80 mil índios. Se a redução apresentou-se a mesma no Estado, o mesmo índice de índios no mesmo total de índios não passa hoje de 65 mil.

Outra conclusão da FUNAI é que a aproximação do índio aos homens brancos revelou, em todos os postos, a existência de conflitos com os civilizados da condição social mais inferior, isto é, os lavradores. Atribui-se isso ao fato de terem os índios, bem ou mal, alguns direitos formais, como terras demarcadas, embora não respeitadas pelos brancos.

De outra parte, a integração do índio está sendo feita com hierarquização e os indígenas são postos abaixo da categoria a que pertencem os trabalhadores do campo.

Para o deputado Marcos Kertzman, há difícil relação e profunda indigena aca tenar-se para os problemas dos lavradores sem terra, nas comunidades vizinhas aos aldeamentos. Além disso, pelo que já observou, entende que os índios devem ser integrados na comunidade nacional, mas respeitadas as suas direções de minoria racial.

Os Guajajaras vestem-se andrajosamente. Apenas em raras ocasiões dançam e cantam, como quando saem em caçadas.

**Canelas**

Ao contrário dos Guajajaras, os Canelas perfuravam as orelhas, como sinal de coragem. Após a convivência com os brancos, no entanto, os índios mais moços deixaram de usar qualquer adorno.

"O capitão" dos Canelas Karore (seu nome cristão é Pedro Gregório), revelou à CPI que nada recebeu até agora da FUNAI. E mais: "Nossa terra teve marcação, mas não é garantida. Os brancos estão sempre querendo avançar sobre elas".

Tais índios sempre tinham, arroz e algumas verduras. Os velhos são mantidos pelos ganhos do trabalho dos mais moços.

A tribo compõe-se de aproximadamente 400 índios, que perambulam em más condições pelas ruas de Barra do Corda, onde vão vender seu artesanato.

Há tempos uma índia já civilizada, explorando a credulidade dos lavradores, espalhou que "vinha no ventre um filho de Deus". Os lavradores passaram a roubar gado para oferecer-lhe como presente. Os fazendeiros da região apuraram o motivo dos roubos e mataram a índia, o marido dela e mais três filhos.

O "capitão" Karore, depois de esclarecer que há nas terras canela e muito cedro, objeto da cobiça dos brancos, disse à CPI: "Eu não quero brigar. Se fosse capitão bruto, já tinha, brigado como os brancos, de tanto mal que eles nos fizeram".

**Xicrins**

Os xicrins, do grupo gó, só recentemente entraram em contato com a civilização. Vivem nus, com o corpo pintado segundo os desenhos de seus respectivos clãs, entre as cidades de Marabá e São Félix do Xingu.

Comunicam-se com o exterior através do frei Caron, dos dominicanos. Ao serem descobertos eram 70; hoje são 102.

A aldeia é auto-suficiente, não tendo relação alguma com a FUNAI. O frade dominicano fornece aos índios munição para a caça aos maracajás, cuja pele é posteriormente exportada, com a ajuda de frei Caron, para a Europa.

Os xicrins são alegres e comunicativos. Os poucos brancos levados para a aldeia, por frei Caron, afirmam que "os civilizados, ali, ainda não penetram as terras indígenas".

O agente do frei Caron, sr. Francisco Inácio da Silva, ao ser interpelado pela CPI, quis saber se o inquerito era "para benefício da aldeia ou para complicar a vida da gente".

"Aqui tem muito maracajá" — perguntaram os deputados.

"Tem algum. Tem também uma ariranha e a onça, cujas peles são vendidas lá fora pelo frei".

Durante a visita da CPI, os índios adultos tinham saído em busca de caça. As mulheres cantaram e dançaram para os deputados, pedindo-lhes em troca camisas coloridas. Não há entre esses índios, por ora, sinal de doença comum da civilização.

**Craós e caiapós**

Ouvido pela CPI, o chefe do posto dos índios craós, em Surul, sr. João Ribeiro da Silva, classificou como "péssima a situação da tribo, que não recebe ajuda alguma da FUNAI".

São 607 índios civilizados, mas, a cada mês, vários craós abandonam o posto, devido às dificuldades ali existentes.

Em junho último, o chefe do posto dirigiu à FUNAI uma relação com os nomes de 76 pessoas que invadiram as terras indígenas. Até agora, nenhuma providência foi tomada para a expulsão dos invasores.

As aldeias craós são afastadas uma das outras e os índios estão atacados, em grande número, pela tuberculose.

Alguns índios (craós e canelas) vendem seus cabelos a comerciantes do Rio e de São Paulo para a confecção de pentes.

Também as terras dos caiapós, às margens da Belem-Brasília, estão sendo invadidas por elementos brancos. No momento — soube a CPI — esses índios, que perambulam na cidade de Imperatriz, estão em litígio com empresas exploradoras de madeira, que adquiriram irregularmente numerosas áreas.